

JORNAL NACIONAL 50 ANOS – O DIÁLOGO COM A REVOLUÇÃO CULTURAL E TECNOLÓGICA

JORNAL NACIONAL 50 YEARS – THE DIALOGUE WITH THE CULTURAL AND TECHNOLOGICAL REVOLUTION

Marilurdes Cruz BORGES¹

Camila de Araújo Beraldo LUDOVICE²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a evolução, transformação e ressignificação do Jornal Nacional ao longo de seus 50 anos no ar. Justifica-se tal escolha de objeto de pesquisa por se tratar do primeiro telejornal brasileiro transmitido ao vivo em rede nacional e ser o de maior repercussão jornalística. As análises serão embasadas pelas reflexões bakhtinianas no que se refere aos conceitos de relações dialógicas e ato responsável numa relação cronotópica. Foi possível verificar que o Jornal Nacional reflete e refrata a revolução cultural e tecnológica por meio do diálogo com seus interlocutores e participa ativa e responsivamente de cada momento histórico e cultural da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Jornal Nacional. Evolução. Transformação. Ressignificação. Relações Dialógicas. Ato Responsável.

Abstract: The aim of this research is to analyse the evolution, transformation and resignificance of “*Jornal Nacional*” in the last 50 years on TV. This choice is justified because it is the first Brazilian News programme live on national TV and the one with the highest reverberation. The analyses are based on the bakhtinian reflections which refer to the concepts of the dialogical relations and responsive act in a chronotopic relation. It was possible to verify that “*Jornal Nacional*” reflects and refracts the cultural and technological revolution through the dialogue with the interlocutors and takes part actively and responsively of each historical and cultural moment of the Brazilian society.

Keywords: *Jornal Nacional*. Evolution. Transformation. Resignificance. Dialogical Relations. Responsive Act.

¹ Borges. UNIFRAN. E-mail: marilurdescruz@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0602-9838>.

² Ludovice. UNIFRAN. E-mail: camilaludovice@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5998-7597>.

Introdução

Uma grande revolução na comunicação ocorreu quando o homem desenvolveu a linguagem na tentativa de interagir com seus semelhantes e obter sucesso na luta pela sobrevivência. A partir daí, a linguagem possibilitou que a humanidade conseguisse passar o conhecimento adquirido e aperfeiçoar a forma de compreender o mundo. Séculos mais tarde, a linguagem teve seus sons codificados em símbolos e depois em alfabetos. Com essa nova convenção da linguagem, teve início a civilização como a conhecemos hoje.

A escrita permitiu que o conhecimento ultrapassasse a barreira do tempo e que a mensagem pudesse existir independente de um emissor, podendo ser recebida a qualquer momento por alguém que soubesse entender o código. A escrita também esteve intimamente ligada à transmissão e ao desenvolvimento da cultura dos povos e, conseqüentemente, com o desenvolvimento da sociedade e da vida social. O impacto da escrita na vida do homem foi tão forte que até hoje os historiadores delimitam o fim da Pré-história e o início da História, ou seja, da civilização e do desenvolvimento pela provável data da invenção da escrita.

Uma das características mais acentuadas da influência de um meio de comunicação nas sociedades é a resignificação dos espaços percebidos e tomados por esta sociedade. Isso acontece porque a comunicação reduziu as distâncias e permitiu que as pessoas se aproximassem. Não em uma perspectiva concreta, logicamente, mas em uma perspectiva de percepção. A televisão foi o primeiro recurso tecnológico a tornar isso possível e a colocar a geografia em segundo plano.

A partir disso, nossa proposta aqui é analisar a evolução, transformação e resignificação do primeiro telejornal brasileiro transmitido ao vivo e em rede nacional pela Rede Globo de Televisão, o Jornal Nacional. Com fundamentos nas reflexões bakhtinianas, mais especificamente sobre relações dialógicas e ato responsável, pretendemos analisar como o jornal responde ativamente aos avanços tecnológicos e culturais e como interage com a sociedade, política, economia e cultura numa relação de cronótopo.

O dialogismo em Bakhtin

Nas reflexões bakhtinianas, a condição do sentido de todo discurso está no dialogismo. Como toda atividade verbal do comportamento humano não pode ser atribuída a um sujeito individual, o diálogo é fundamental para estabelecer a interação verbal nas relações sociais. Desse modo, a linguagem só é dotada de sentido, se houver, no discurso entre seres, a possibilidade de interação.

Por isso, o dialogismo diz respeito, de acordo com Brait (2005, p. 95): “às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos”. O que produz, então, o sentido do texto são as vozes dialógicas expressas na materialidade discursiva.

Desse modo, compreende-se que é por meio do dialogismo que os mundos e micromundos sociais e históricos, bem como os sujeitos falantes e seus universos ideológicos se apresentam. Nesse diálogo, a visão de mundo do outro aparece reconhecida na visão do próprio enunciador.

A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência mútua do diálogo pode ser imenso. Por isso, ao se estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissolúvelmente ao outro. (BAKHTIN, 2010, p. 141).

São vários os sujeitos que promovem o dialogismo e que refletem e refratam as vozes ideológicas, pois revelam dissonantes opiniões em determinados contextos sócio-históricos. O diálogo revela as posições de sujeitos sociais, seus pontos de vista acerca da realidade, de forma a ilustrar a transformação sócio-ideológica das linguagens e da sociedade.

Não há, pois, um texto desconectado do contexto, já que o dispositivo enunciativo é a condição, o motor e o ambiente de toda enunciação. É pela pluralidade de vozes que, na materialidade linguística, é possível ver refletida e refratada a realidade sócio-histórica, a qual possibilita os caminhos percorridos pelo sujeito e as transformações sofridas por ele.

De acordo com Bakhtin, todo enunciado articula relações interativas e enuncia respostas com as quais constrói conhecimentos, e estes só se concretizam quando os sujeitos envolvidos compreendem que o enunciado não é um produto acabado e sim construído por meio da interação de pontos de vista.

A filosofia do ato responsável proposta por Bakhtin visa apenas, em termos gerais, uma proposta de estudar o agir humano de um sujeito que se encontra imerso em um contexto social e histórico e, portanto, passível de mudanças. O grande objetivo de Bakhtin, ao pensar sobre essas questões, reside na questão de tentar mostrar como

se pode generalizar as singularidades dos atos, sem perder o foco no seu pensamento principal de que os atos podem ser repetíveis ou irrepetíveis.

Bakhtin (2010, p. 80, grifo do autor) em suas reflexões nos mostra que:

O ato – considerado não a partir de seu conteúdo, mas na sua própria realização – de algum modo conhece, de algum modo possui o existir unitário e singular da vida; orienta-se por ele e o considera em sua completude – seja no seu aspecto conteudístico, seja na sua real facticidade singular; do interior, o ato não vê somente um contexto único, mas também o único contexto concreto, o contexto último, com o qual se relaciona tanto o *seu sentido* assim como o *seu fato*, em que procura realizar responsabilmente a verdade única, seja do fato seja do sentido, na sua unidade concreta.

O que se deve levar em consideração é o fato de que todos os atos têm em comum alguns elementos, sendo eles: um sujeito que age, e um determinado cronotopo (relação espaço-temporal) em que esse sujeito age. Esses fatores implicam tanto os atos que são realizados na presença ou na ausência do outro e os atos que não trazem consigo nenhuma marca linguística expressa pelo sujeito.

É a partir dessas reflexões bakhtinianas que podemos iniciar o delineamento acerca do pensamento ativo de um sujeito que, ao posicionar-se, garante um não alibi em sua existência, ou seja, podemos inferir que todo sujeito, quando se insere em um contexto social, automaticamente, já se posiciona axiologicamente.

É preciso pensar, a partir daí, na questão de que existe um processo, um produto e um agente desse mesmo ato, pois para Bakhtin a vida dos sujeitos é formada por uma ininterrupta cadeia de atos concretos, isto é, atos que são singulares e irrepetíveis ou atos que não são iguais aos outros, mas que possuem, em seu processo, elementos em comum com outros atos, e por isso fazem parte do ato como fato que os engloba.

Todo ato trata-se de uma ação concreta, é uma ação que é vivida e realizada no mundo e que por si só é intencional, o que lhe garante um não alibi do sujeito; essa ação é praticada por alguém que se encontra situado em um determinado contexto e a partir disso destaca-se o caráter da responsabilidade e da participação de um sujeito agente. Segundo Sobral (2013, p. 21), “o ato ‘responsível’ e participativo resulta de um pensamento não indiferente, aquele que não separa os vários momentos constituintes dos fenômenos, que admite não a exclusão [...] mas sim a inclusão”.

É preciso pensar, portanto, sempre na experiência do mundo humano como sendo mediada por um agir axiológico de um sujeito, que lhe atribui um sentido a partir de um determinado contexto social e que enxerga o mundo como uma materialidade concreta. As reflexões de Bakhtin sobre o ato não nos propõem uma constante relatividade de valores impostos, mas nos levam a pensar como Sobral (2013, p. 22): “o fato de que o valor é sempre valor para sujeitos, entre sujeitos, numa dada situação.”.

Cabe ressaltar que, segundo as reflexões bakhtinianas sobre o ato responsável, um sujeito, ainda que realize uma ação vinculada ao aqui e agora, terá realizado dois atos distintos. Esses atos são caracterizados segundo sua ação física e a pureza do ato que são partes apenas de seu conteúdo e não da sua vivência concreta, uma vez que esta não se repete, ainda que inserido num mesmo contexto social de produção.

Esse fato é tratado por Bakhtin por meio de uma relação dialética entre o produto do ato e seu processo. É a partir dessa relação dialética e propriamente dialógica que se pode entender o fato de que compreender o ato é compreender o seu todo; sua relação entre o processo e o produto e a situação de seu caráter de resposta.

O que se pode compreender sobre as reflexões de Bakhtin sobre o conceito de ato é que esta visão permite apreender o ato com relação à sua integridade, tanto em termos de composição ou processo como em termos de conteúdo desse mesmo ato. Dessa forma, Bakhtin visa propor uma base de filosofia da linguagem por meio da cultura que reconhece uma total junção entre o sujeito e o mundo em que este vive e se posiciona como um agente axiológico na vida concreta de uma forma não indiferente, pois assim é conferido ao sujeito um não álubi em sua existência.

A arquitetura das relações dialógicas é, pois, a interação entre sujeitos em um determinado tempo e espaço, não se esquecendo de que tempo e espaço só são apreendidos nas temporalidades representativas da cultura (MACHADO, 2010, p. 208).

O tempo, para Bakhtin, torna-se pluralidade de visões de mundo: tanto na experiência como na criação, manifesta-se como um conjunto de simultaneidade que não são instantes, mas acontecimentos no complexo de seus desdobramentos. A pluralidade de que fala Bakhtin só pode ser apreendida no grande tempo das culturas e das civilizações, quer dizer, no espaço. (MACHADO, 2010, p. 215).

Todo texto é, portanto, um objeto formado por muitas vozes que se entrecruzam e se completam, por isso, estudar um texto requer compreender as forças vivas por meio das quais ele surge, nas quais ele atua e para as quais ele responde.

O dialogismo e a produção de sentido do Jornal Nacional

O primeiro telejornal transmitido em rede nacional no Brasil estreou na Rede Globo de Televisão no dia 1º de setembro de 1969, em pleno período da ditadura militar. O Jornal Nacional (JN) era gravado e transmitido em um estúdio na sede da emissora na cidade do Rio de Janeiro e retransmitido ao vivo para cinco capitais, simultaneamente, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília, atingindo 56 milhões de brasileiros (GOMES, 2010).

O objetivo que levou a rede Globo de televisão a criar o JN foi participar da proposta governamental de integração nacional. Conforme dizeres da revista *Veja* (1969, p. 68), “O JN quer que 56 milhões de brasileiros tenham mais coisas em comum. Além de um simples idioma”. Essa integração só foi possível porque em setembro de 1965 foi criada a Empresa Brasileira de Telecomunicação (Embratel), a qual deu início a uma política modernizadora para as telecomunicações.

[...] em março de 1969, a Embratel inaugurou o Tronco Sul, que permitiu integrar, por uma rede terrestre de micro-ondas, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre. A rede era formada por repetidores posicionados a intervalos de quase 50 km de distância, que recebiam o sinal do equipamento anterior, amplificavam e o retransmitiam para o próximo. (CRUZ, 2009).

Observa-se o ato responsável do JN com o desenvolvimento tecnológico, visto que, anteriormente, já existiam os telejornais regionais. Assim, com a ampliação do jornalismo compreende-se o diálogo com o momento histórico-cultural em que o Brasil vivia: o governo militar (1964-1985), com o propósito de desenvolvimento, criou na presente década a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, cujas metas eram criar condições para “a implantação de um modelo de desenvolvimento econômico extremamente favorável à entrada do capital estrangeiro” (GOMES, 2010).

Desse modo, o JN participa do desenvolvimento cultural, por meio do investimento tecnológico. Conjuntamente à proposta governamental, ele participa da construção de uma identidade cultural brasileira. Considera-se “nacional aquilo que está integrado ao mercado de consumo – inclusive e, sobretudo, mercado de consumo de bens simbólicos” (GOMES, 2010), tal qual a imagem ligada à informação.

A equipe criadora do JN, dirigida pelo jornalista Armando Nogueira, “conseguiu, em pouco tempo, transformar o jornal no mais importante noticiário brasileiro, alcançando altos índices de audiência” (G1, *on-line*). O modelo de telejornal criado pela equipe

dialogava diretamente com os telejornais norte-americanos, mas trazia, como diferencial, entrevistas. Nesse recurso televisivo, a voz não se concentra apenas nos jornalistas, é possível ouvir também a voz dos entrevistados.

De acordo com Ribeiro (2004, p. 8), o JN trazia o *slogan*: “A notícia unindo seis milhões de brasileiros” e considerava-se o “telejornal da nação brasileira” por ser o primeiro de alcance nacional. Destaca-se que essa intenção do jornal não era meramente comunicar as notícias, mas fazer com que elas aproximassem os telespectadores, ou seja, fazer com que todos os brasileiros se envolvessem com os fatos expostos. Por isso “os assuntos tinham que chamar atenção do telespectador” (RIBEIRO, 2004, p. 11). Para alcançar tal objetivo, o JN priorizava as notícias que fossem de interesse nacional e não regional ou local.

Compunha a bancada do JN, em sua estreia, Hilton Gomes e Cid Moreira:

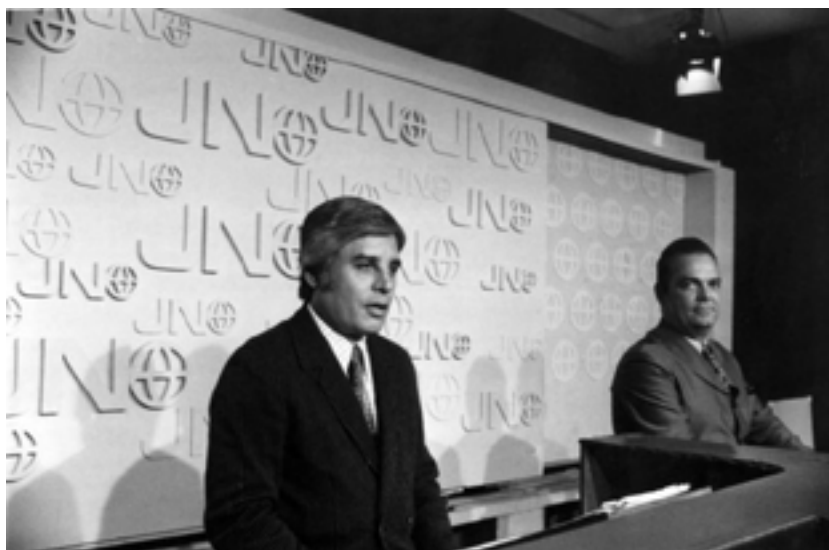


Figura 1. Cid Moreira e Hilton Gomes – primeira década de existência

Fonte: Foto: Arquivo / Estadão

Desde sua estreia, o JN é apresentado por dois jornalistas. O que se senta à esquerda (pela visão do telespectador) é sempre o âncora, o jornalista responsável pela mediação do telejornal. Na abertura do JN, Cid Moreira anunciou: “O Jornal Nacional, da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o país”. No final dos noticiários, Cid Moreira encerrou o telejornal com a frase: “É o Brasil ao vivo aí na sua casa. Boa noite” (G1, *on-line*).

No início, os sujeitos que compunham a bancada eram chamados de locutores, pois eram vistos e agiam tal qual os locutores de rádio. A exposição do enunciado

- | Jornal Nacional 50 anos – o diálogo com a revolução cultural e tecnológica

estava centrada nos potenciais vocálicos, não associados à expressão facial. Eram escolhidos homens que possuíam tom de voz grave e forte. Ao observarmos a postura dos apresentadores, suas vestimentas e o cenário, destaca-se, primeiramente, que eles usam terno e estão sempre de forma ereta, o que caracteriza o alto grau de rigidez e formalidade. Na bancada, há uma divisória que separa o espaço entre os dois jornalistas que não se olham, apenas revezam o momento da enunciação individual. No plano de fundo, há uma parede com o logo do JN acompanhado de um globo terrestre marcado com os seus meridianais. É possível observar, nesse cenário de formalidades, a proposta do JN – expor notícias relevantes, com compromisso e seriedade –, mas também um diálogo com a ideologia da Segurança Nacional e com a censura, visto que no momento histórico havia um controle do governo sobre tudo que era proferido e divulgado pela mídia.

O JN optou por desenvolver-se e consolidar-se através de uma estratégia na qual qualidade e confiabilidade eram resultado do investimento tecnológico da emissora. Esse foi o modo como a TV Globo e seu jornalismo se desenvolveram – à ausência de liberdade de informação contrapôs-se o chamado padrão Globo de qualidade. (GOMES, 2010, p. 8).

O jornal era exibido em branco e preto, de segunda à sábado, com duração de 15 minutos, divididos em três partes: local, nacional e internacional. “As manchetes – em geral, curtas e fortes – eram lidas alternadamente por dois apresentadores de maneira rápida e ágil” (GLOBO, 2004, p. 26). Em sua primeira exibição, contemplou como tema local a inundação na enseada de Copacabana; como tema nacional a crise circulatória que abalava a saúde do presidente Artur da Costa e Silva e o AI-12; como tema internacional circulou imagens e notícias da Líbia, Paquistão e Japão.

Cid Moreira esteve à frente do JN por 27 anos (1969-1996) como âncora e dividiu a bancada com Sérgio Chapelin e Celso de Freitas por muitos anos. Sérgio Chapelin de 1972 a 1983 e de 1989 a 1996, Celso de Freitas de 1983 a 1989.



Figura 2. Cid Moreira e Celso de Freitas

Fonte: Google imagem



Figura 3. Cid Moreira e Sérgio Chapelin

Fonte: Google imagem

A TV em cores chegou ao Brasil em 1972. Foi uma grande revolução que exigiu da equipe de engenharia da Rede Globo muito empenho e estudo. “Funcionários viajaram para se especializar na Alemanha e houve treinamento interno para operar as câmeras e os videoteipes importados, adaptados ao sistema PAL-M” (G1-on-line).

A primeira entrevista em cores foi exposta no dia 04 de agosto de 1972, mas o telejornal só passou a ser exibido diariamente em filme colorido a partir de 1973.

- | Jornal Nacional 50 anos – o diálogo com a revolução cultural e tecnológica



Figura 4. Cid Moreira ao lado de Sérgio Chapelin

Fonte: Arquivo / Estadão - Foto de 1972

Com a TV em cores, a bancada e o fundo do cenário ganharam um novo *design*. A cor principal que caracteriza até os dias de hoje o JN é o azul, embora haja um equilíbrio entre as tonalidades, visto que os ternos são cinzas. No plano de fundo, o que anteriormente era preenchido por vários símbolos JN e o globo terrestre, agora há o planeta Terra ampliado, onde se vê o mapa *mundi* com seus continentes e o logo JN iluminado nas duas laterais. Tal representação dialoga com as novas tecnologias e também com a nova realidade do JN. A ampliação espacial responde ao maior tempo de exposição do telejornal e ao maior alcance nacional, visto que passou a ser transmitido para todos os Estados do país.

A mulher esteve presente na TV brasileira desde os anos 50, mas seu papel apenas ilustrava a mulher dona de casa, mãe, esposa. Sua aparição centrava-se em informes publicitários ou papéis em novelas. O negro também já era visto na telenovela, mas ocupava sempre um papel subalterno, trabalhador doméstico, serviçal. Em 1977, Gloria Maria foi a primeira repórter negra a entrar, ao vivo, no JN. Sua reportagem estreava os novos equipamentos portáteis de geração de imagens da Rede Globo.



Figura 5. Glória Maria em reportagem ao vivo

Fonte: Google imagem

Ao dar voz a uma mulher negra, mesmo que em um pequeno espaço do telejornal, observa-se o ato responsivo do JN com o cenário em que o país vivia. A sociedade reconhecia, nessa década, o papel da mulher e do negro. A partir dos anos 1970, iniciou no Brasil um movimento feminista que foi objeto de estudo das Ciências Sociais e, a partir dos anos 1980, o movimento da mulher negra. Dialogando com esses valores, o JN fez história ao dar voz à mulher. Assume, ainda que por meio de pequenos espaços, o ato responsivo de constituí-la sujeito que integra a equipe de jornalistas da emissora.

Em 1978, novas mudanças são promovidas pelo JN. O antigo filme de 16mm começou a ser substituído com a instalação da ENG (Eletronic News Gathering), que permitiu a edição eletrônica de videoteipe, a qual deu mais rapidez à operação do telejornalismo (GLOBO – *online*) e, a partir dos anos 1980, a distribuição da imagem passou a ser via satélite.

Quando Sérgio Chapelin voltou a ocupar a bancada ao lado de Cid Moreira, em 1989, o JN passou a apresentar um novo cenário e uma nova abertura.

- | Jornal Nacional 50 anos – o diálogo com a revolução cultural e tecnológica



Figura 6. Cid Moreira e Sérgio Chapelin no 'Jornal Nacional' em agosto de 1994

Fonte: Estadão / Foto: Tasso Marcelo

Esse novo cenário partiu de outra realidade tecnológica e cultural. O cenário é novamente ampliado, há no plano de fundo não só mais o planeta Terra, mas todo o universo. A bancada em círculo representa o planeta Terra, onde os apresentadores se posicionam de forma que possam se ver, o que caracteriza uma interação entre eles. A sigla aparece de forma tridimensional, como se voasse pelo universo, ocupando vários espaços, inclusive o central, já que está sobre a cabeça e no meio dos apresentadores. Incluem-se no cenário outras tonalidades, há o vermelho no contorno das letras do JN. É, pois, a resposta ao alcance que o JN adquiriu, comprovado pelo IBOPE. Destaca-se que os apresentadores ainda não fazem uso da tecnologia, visto que as pautas estão em folhas sobre a bancada.

O novo diretor da Central Globo de Jornalismo, Evandro Carlos de Andrade, promoveu nova mudança no JN em 1996, colocando Lillian Witte Fibe ao lado de William Bonner. Ela foi a primeira a mulher a ocupar a bancada do maior jornal televisivo do Brasil.



Figura 7. William Bonner e Lillian Witte Fibe

Fonte: Estadão / Foto: Tasso Marcelo

A decisão de Evandro de colocar na bancada do JN um homem e uma mulher dialoga com as discussões sobre diversidade de gênero, iniciadas nos anos 1980 e trazidas para o âmbito pedagógico nos PCNs do Ensino Fundamental em 1998, ano em que Fátima Bernardes assume o lugar de Lillian Witte Fibe e faz dupla com William Bonner, seu marido até 2011. Destaca-se também a escolha pela mudança de voz. Agora não se valoriza o apresentador como locutor, mas sim como um interlocutor do enunciado. Mas é preciso notar que a mulher nunca ocupa o lado esquerdo, ou seja, a posição de âncora, tal fato é responsivo aos valores socioculturais nacionais, uma sociedade marcada pelo discurso machista e patriarcal.



Figura 8. William Bonner e Fátima Bernardes

Fonte: O Globo – aniversário 30 anos do JN, 1999

- | Jornal Nacional 50 anos – o diálogo com a revolução cultural e tecnológica

Chama a atenção como a dupla dialoga com o conceito de família. Sujeitos que trabalham juntos de forma harmônica: a cor da gravata combinando com a cor da blusa da mulher. Vê-se, a partir dessa configuração da bancada, um diálogo com conceitos culturais tradicionais de família unida, família feliz.

A palavra diálogo, ao contrário, é bem entendida, no contexto bakhtiniano, como reação do eu ao outro, como “reação da palavra à palavra de outrem”, como ponto de tensão entre o eu e o outro, entre círculos de valores, entre forças sociais. A essa perspectiva, interessa não a palavra passiva e solitária, mas a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais, vinculada a situações, a falas passadas e antecipadas. (MARCHEZAN, 2006, p. 123).

O Jornal Nacional, no ano 2000, passou a ser transmitido de dentro da redação. O propósito da mudança foi envolver o telespectador com a realização do telejornal, do início ao fim. “É um conceito que leva para dentro da casa do público a própria redação” (G1-on-line)



Figura 9. William Bonner e Fátima Bernardes

Fonte: Google imagem – 2011

O cenário dialoga com o conceito de participação, de ação coletiva. O foco recai na produção da notícia e na valorização das vozes discursivas. Observa-se uma aproximação dos apresentadores na bancada e o planeta Terra sobreposto a todos. Interessante destacar que a sigla do JN está sob o planeta, como se fosse um pilar de sustentação. Observa-se também o diálogo com a posição que o jornalismo, no caso o JN, tem sobre o homem, mostrando como ele influencia, dá sustentação, funciona como alicerce dos valores, comportamentos, ações, entre outras.

Uma nova reformulação do cenário ocorreu em 2017. Além de telões, os apresentadores Willian Bonner e Renata Vasconcellos deixaram de se posicionar no

mezanino sobre a redação. A bancada passou a ocupar o meio da redação, com um telão principal ao fundo e outras telas na lateral. O local onde a bancada está gira para enunciar as notícias.



Figura 10. William Bonner e Renata Vasconcellos
Fonte: Google imagem – 2017



Figura 11. Renata Vasconcellos e Maju Coutinho
Fonte: Google imagem – 2018

Essa modernização do cenário dialoga com a revolução tecnológica. São diferentes recursos e movimentos explorados: a movimentação dos apresentadores pelo cenário, o diálogo virtual entre Renata Vasconcellos e Maju Coutinho e a interlocução entre os apresentadores na bancada dialoga com o mundo em rede que o telespectador vive. É, pois, uma responsividade à interação social.

Somente em 2019, Maju Coutinho, mulher, negra, senta-se na bancada para substituir Renata Vasconcelos em um sábado.

- | Jornal Nacional 50 anos – o diálogo com a revolução cultural e tecnológica



Figura 12. Rodrigo Bocardi e Maju Coutinho

Fonte: Google imagem – 2019

Em setembro de 2019, o JN iniciou a comemoração dos 50 anos de transmissão. Para celebrar a data e os anos de exibição, reapresentou seu *slogan* inicial: o “telejornal da nação brasileira”. O ato responsivo em relação ao seu lema e à realidade sociocultural pode ser observado pela fala de Willian Bonner, “O ‘boa noite’ do JN terá 27 diferentes sotaques nas noites de sábado” (G1-on-line), e pela composição da bancada na qual se transformou em uma mesa composta por quatro jornalistas.



Figura 13. William Bonner, Renata Vasconcellos e convidados

Fonte: Google imagem – 2019

Mesmo que saiam de cena os jornalistas principais apenas aos sábados, a opção de dar voz às 27 regiões do país mostra como o JN mantém sua ideologia de ser “o jornal da nação brasileira”, portanto, representada por sujeitos de todos os Estados. Mas evidencia também como o JN se apropria da inovação e das realidades sociais. Faz-se necessário, na atualidade, viver em redes, em cooperação, é preciso dar voz a todos e isso é observado, principalmente, pela marca da pessoalidade, ou seja, será possível ouvir os diferentes sotaques e dialetos da língua portuguesa.

Considerações finais

A partir das análises desenvolvidas das cenas enunciativas do Jornal Nacional ao longo de seus 50 anos de exibição, foi possível observar que o JN participa responsivamente da evolução cultural e tecnológica. Enquanto telejornal mais assistido do Brasil, ao mesmo tempo acompanhou o desenvolvimento tecnológico e representou os valores culturais dominantes, ele também os ressignificou.

Por meio das relações dialógicas, verificou-se que o JN assume o ato responsivo em uma relação cronotópica. Toda marca de impessoalidade e a tonalidade grave das vozes dos jornalistas, na primeira década de exibição, retratam a sociedade comandada por militares e Atos Institucionais que limitavam a liberdade de expressão.

Destaca-se também que as transformações do telejornal só foram possíveis porque o país viveu uma fase de abertura política, rompimento de fronteiras e investimento em tecnologias.

As mudanças experimentadas, ao longo dos anos, pelo cenário e pelo comportamento dos jornalistas, por mais que ilustrem valores em transformação, mantêm implícito um discurso ainda conservador. O JN inovou com o desenho da bancada, com a ampliação do espaço figurativizado pelo planeta Terra, com a aproximação dos jornalistas e a interrelação entre eles, com o lugar dado à mulher e ao negro na bancada. Mas os jornalistas ainda se vestem formalmente, o homem sempre se senta à esquerda e ocupa o lugar de âncora, ou seja, é ele quem conduz a enunciação.

A análise comprovou que o JN, como todo meio de comunicação, influenciou e influencia valores e comportamentos. No início, tinha como objetivo fazer com que os brasileiros tivessem mais coisas em comum, assim, promoveu um discurso homogêneo. Hoje, esse discurso é ressignificado, visto que o olhar sobre o nacional está na heterogeneidade. Não é mais uma voz representando o todo e sim várias vozes para ilustrar a diversidade social.

Referências

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

- | Jornal Nacional 50 anos – o diálogo com a revolução cultural e tecnológica

CRUZ, R. A TV Globo e a Embratel. *In: O Estado de São Paulo*. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/tvdigital/globoembratel.shtm>. Acesso em: 30 set. 2019.

GOMES, I. M. M. O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da ditadura militar. *Revista FAMEGOS*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 5-14, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/7537>. Acesso em: 30 set. 2019.

GLOBO. **Jornal Nacional**. Edição do dia 12/04/2010. Atualizado em 11/12/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>. Acesso em: 17 set. 2019.

GLOBO. **Memória Globo**. <http://memoriaglobo.globo.com/mostras/tv-em-cores/tv-em-cores/tv-em-cores-jornal-nacional.htm>. Acesso em: 17 set. 2019.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: Cronotopia e exotopia. *In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (org.). Círculo de Bakhtin: teoria Inclassificável*. v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. *In: BRAIT, B. (org.). Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, A. P. G. **Jornal Nacional: a notícia faz história/Memória Globo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

SOBRAL, A. **O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito**. 2013. Disponível em: www.saocamilo-sp.br/pdf/bivethikos/68/121a126.pdf. Acesso em: 17 set. 2019.

VEJA. **O país numa rede**. Revista VEJA, ed. 62, 3 set. 1969, p. 68. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital>. Acesso em: 17 set. 2019.

ZORZI, A. C. Jornal Nacional – 50 anos: Cid Moreira relembra estreia do programa em 1969. *O Estado de São Paulo*. 31/08/2019. Disponível em: <http://bit.ly/3aDodWs>. Acesso em: 17 set. 2019.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: BORGES, Marilurdes Cruz; LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo. Jornal nacional 50 anos – o diálogo com a revolução cultural e tecnológica. **Revista do GEL**, v. 16, n. 3, p. 207-225, 2019. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v16i3.2767>

Submetido em: 29/10/2019 | Aceito em: 02/12/2019.
